

**A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUAS
IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM: UM ESTUDO COM
ALUNOS DO 8º ANO DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
PRAIA GRANDE – SP - BRASIL**

*THE AFFECTIVITY IN THE RELATION TEACHER-STUDENT AND ITS
IMPLICATION ON LEARNING: A STUDY WITH 8TH YEAR STUDEND FROM
PUBLIC SCHOOL AT THE CITY OF PRAIA GRANDE – SP- BRASIL*

Monique Cucick¹

Resumo: O presente estudo tece reflexões sobre a afetividade no processo de aprendizagem de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, a partir da perspectiva desses adolescentes. Almejando responder o problema norteador, que foi o de analisar se a afetividade na relação professor-aluno traz implicações para a aprendizagem, este trabalho fundamentou-se em teóricos como: Wallon, Vygotsky, Mora, entre outros estudiosos. No que tange as decisões metodológicas, neste estudo optou-se pelo enfoque qualitativo, para a obtenção de resultados aprofundados e precisos. Neste viés, para completar o enfoque adotado, elegeu-se o caráter descritivo, com a intenção de registrar, analisar e descrever as reais situações referentes aos aspectos afetivos que participam da dinâmica interativa da sala de aula e qual o seu papel no processo de ensino-aprendizagem. A técnica de investigação para a coleta de dados foi o questionário aberto, onde 31 alunos do 8º ano da Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira, localizada em Praia Grande - SP, opinaram sobre as suas percepções acerca da importância da afetividade, sobre atuações docentes que facilitam ou dificultam a aprendizagem, referente ao relacionamento professor-aluno e sobre motivação.

Palavras chave: Afetividade. Relação professor-aluno. Aprendizagem.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción, Paraguay.
E-mail: monique-mck@bol.com.br

Abstract: *This study brings reflection about the affectivity on students learning process during their final years on Elementary School, based on these Teenagers perspective. Aiming to reply the main problem, that was the analysis if affectivity in the relation teacher-student brings implication for learning, this study was based on some thinkers, as: Wallon, Vygotsky, Mora, among others specialists. Related to Methodological decision, in this study was opted to a qualitative approach, in order to obtain detailed and precise results. In this bias, to complete the adopted approach, the descriptive character was chosen, with an intention of registering, analyzing and describing the real situation concerning the affective aspects participate in the interactive dynamics of the classroom and what is its role in the teaching process-learning. The investigation technique to the database was an open questionnaire, where 31 students of 8th year from the Public School Sebastião Tavares de Oliveira, located at Praia Grande-SP, give opinion about their perceptions regarding the affectivity, concerned on teachers classes which can facilitate or hinder the learning, based on the relation teacher-student and about motivation.*

Keywords: *Affectivity. Relation teacher-student. Learning.*

INTRODUÇÃO

A partir de reflexões teóricas que passaram a focar mais os contextos socioculturais, de forma mais recente, tem-se buscado compreender o indivíduo em sua complexidade, tendo uma visão mais integradora dos sujeitos. Nesse sentido, algumas pesquisas vem destacando abordagens que enfatizam o entrelaçamento entre os aspectos cognitivos e afetivos, defendendo que razão e emoção são processos distintos, porém, complementares. E é neste viés que o presente trabalho foi realizado, abordando questões específicas sobre a afetividade nas relações que se estabelecem na sala de aula, principalmente no que diz respeito a interação professor-aluno, e quais interferências ela traz para a aprendizagem.

Ao integrar as dimensões afetiva e cognitiva que compõem o ser humano, busca-se compreender o indivíduo em sua totalidade. A sala de aula é um espaço que envolve muitas relações, e portanto, é repleta de afetos. O professor necessita entender o processo de desenvolvimento do aluno para que a sua prática pedagógica seja satisfatoriamente planejada. Ainda hoje, mesmo diante de tantos estudos e

avanços na ciência da educação, a falta de preocupação com a área da afetividade é grande. Muitos docentes desconhecem ou desprezam as relações existentes entre os aspectos afetivo, motor, pessoal e cognitivo, limitando-se, muitas vezes, em privilegiar somente o último.

Estando em sala de aula como professora de Geografia e ministrando aulas para adolescentes há pelo menos uma década, a autora dessa dissertação pôde observar o quão relevante era, para a aprendizagem dos estudantes, a forma como eram afetados na sala de aula e como era importante a maneira com que a relação professor-aluno ocorria.

Portanto, refletir sobre o quanto a qualidade da relação estabelecida entre professores e alunos podem interferir de forma positiva ou negativa na construção do conhecimento nos levou ao nosso ponto de partida, gerando a tônica dessa investigação. Outro ponto a destacar é que não há tantas pesquisas referentes a opinião de alunos do Ensino Fundamental, haja vista que muitos dos trabalhos encontrados estão relacionados às impressões de professores, coordenadores, estudiosos e especialistas da área. Faltava dar voz aos protagonistas da escola.

Neste contexto e mediante estes desafios, surgem na autora os seguintes questionamentos: Existe afetividade na sala de aula? Como é a visão do aluno sobre a relação professor-aluno? Quando o aluno é afetado positivamente, isso facilita o seu processo de aprendizagem? E ao contrário, quando o aluno é afetado negativamente, isso dificulta/impede a sua aprendizagem?

Frente a essas questões, o problema de pesquisa que norteou todas as discussões deste estudo é: *A afetividade na relação professor-aluno traz implicações para a aprendizagem?*

Justificando-se, portanto, a importância de um estudo aprofundado que ressalte a reciprocidade entre a cognição e afeto, e como forma de responder ao questionamento central, essa investigação tem como objetivo geral: analisar a afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem. E como

objetivos específicos: identificar o papel da afetividade nas relações educacionais; analisar a interação a partir da perspectiva aluno/professor e analisar se a afetividade influencia a aprendizagem, segundo os discentes.

Para que fossem alcançadas todas as metas estabelecidas dentro dos padrões científicos, quanto a abordagem, esse estudo adotou o paradigma qualitativo. E como caráter, o eleito foi o descritivo, que nos possibilitou descrever de forma minuciosa as reais situações vivenciadas na sala de aula, sob a ótica dos adolescentes.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira, localizada no município de Praia Grande – SP, Brasil, e atende alunos do Ensino Fundamental. Participaram dessa pesquisa alunos do 8º ano. Entendemos que suas opiniões podem trazer grandes contribuições para o trabalho a ser desenvolvido pelos professores e por esse motivo, foram eles os selecionados.

Para a obtenção dos dados, elegemos como instrumento o questionário aberto porque almejávamos conhecer o que pensam os alunos a respeito de como a afetividade interfere em suas aprendizagens. E tal instrumento de coleta foi o que melhor possibilitou esse alcance. As informações obtidas foram interpretadas e analisadas com extrema profundidade.

A concepção walloniana de afetividade

A afetividade é o tema principal da obra de Henri Wallon. Em sua concepção, a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais (A. R. S. Almeida, 1999). Dantas (2016), concorda com essa concepção e vai além, pois para a autora, na psicogenética de Wallon, “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (p. 85).

Como Wallon teorizou, a afetividade é um domínio funcional, uma das etapas em que o indivíduo percorre, na verdade, a primeira delas.

Esses conjuntos ou domínios funcionais compõem, de acordo com a sua teoria, o psiquismo humano, formando um todo, um sistema que regula a nossa vida

mental. Para o teórico, os domínios funcionais entre os quais vão se distribuir o estudo das etapas que o indivíduo percorre são: os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa.

Para efeito deste artigo, descreveremos apenas o conjunto funcional afetividade. Almeida & Mahoney (2007), à luz de Wallon, afirmam que a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição, do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (p. 17).

As obras de Wallon apresentam três momentos marcantes (e que também são sucessivos) na evolução da afetividade: a emoção, o sentimento e a paixão. Esses três momentos resultam de fatores orgânicos e sociais. A emoção seria a exteriorização da afetividade, ativada pelo fisiológico. Já o sentimento seria a expressão representacional da afetividade. Sobre a paixão, é ela que revela o aparecimento do autocontrole como condição para dominar uma situação.

A afetividade, na teoria de Henri Wallon, é o ponto de partida do desenvolvimento da pessoa, “e sua evolução parte de uma sociabilidade sincrética para a individualização psicológica” (A. R. S. Almeida, 1999, p. 44). Ou seja, a vida afetiva do indivíduo se organiza em contato com o outro e com as relações que se estabelecem. Daí vemos a relevância que o meio exerce em nossas vidas.

A emoção na sala de aula

Muitas vezes, o aspecto afetivo é considerado como um processo a parte, sem nenhuma relação com o processo de conhecimento. Assim sendo, e conforme preconiza A. R. S. Almeida (1999), “é também, desconhecida a reciprocidade entre a afetividade e a inteligência, conquanto exista entre ambas uma integração que permite uma nutrição mútua” (p. 89). Para a autora, ao mesmo tempo em que a afetividade se estende no desenvolvimento do indivíduo, a inteligência vai seguindo esses passos.

Diante do exposto, é evidente afirmar que as dimensões afetiva e cognitiva não se separam e constituem-se de forma mútua. Uma influencia na outra, uma não

funciona sem a outra. São indissociáveis no processo de aprendizagem. Segundo Silva & Albuquerque (2015), “(...) a afetividade tem papel fundamental na forma como nos comunicamos e nos relacionamos com os outros, no nosso desenvolvimento cognitivo, na capacidade de pensarmos, abstrairmos, raciocinarmos e aprendermos” (p. 7).

Entendendo que a afetividade se torna indispensável ao desenvolvimento cognitivo e a produção de conhecimento, A. R. S. Almeida (1999), concordando com essa concepção, afirma que a escola é um espaço legítimo para a construção da afetividade, “uma vez que está centrada na intervenção sobre a inteligência, de cuja evolução depende da afetividade” (p. 101).

O que se vê, em geral, é que os professores demonstram dificuldade em lidar com as emoções vivenciadas em sala de aula. Na verdade, em sua formação docente, o aspecto afetivo nem sempre tem o devido tratamento. Sabendo que a emoção é algo visível, o professor precisa aprender a “ler as emoções” dos seus alunos em sala de aula, para poder administrá-las de forma mais acertada. Saber interpretar os sinais que os discentes demonstram traria grandes avanços para o processo de aprendizagem, porque são sinais que se estabelecem nas relações professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo.

Na escola, na sala de aula, o aluno está presente como pessoa completa, é um indivíduo do conhecimento e também do afeto. Diante disso, a escola não pode negligenciar a emoção em suas atividades, muito menos subestimar ou suprimir. O professor precisa conhecer o funcionamento das emoções para que saiba lidar corretamente com as suas expressões.

A relação professor-aluno

A espécie humana é a única que ensina com intencionalidade e reciprocidade interpessoal. Somos dotados de capacidades sociais e pedagógicas. Diante disso, aprendemos a partir dos outros, e o nosso desenvolvimento cognitivo ocorre através de um processo de interação compartilhada.

Fica evidente, diante dos autores que se aprofundaram em Vygotsky, que a interação em sala de aula possui grande valia para o processo de ensino-aprendizagem; na verdade, ela é essencial. A relação estabelecida entre professores e alunos, se eficiente, pode vir a garantir um ensino e uma aprendizagem mais promissores.

Se o processo de ensino-aprendizagem pressupõe interação, essa por sua vez pressupõe afetividade - que pode ser tanto positiva quanto negativa. A postura do docente e a relação construída com os discentes é crucial. O docente não tem a dimensão, muitas vezes, do quanto pode motivar ou desmotivar o aluno com pequenas ações durante a relação estabelecida entre ambos. Freire (1996), a esse respeito, reflete: “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força ou como contribuição à do educando por si mesmo” (p. 42).

O docente que compreende que as emoções estão presentes na sala de aula, espaço este socialmente instituído, terá subsídios para estabelecer um clima favorável de interações. O professor é o responsável capaz de estabelecer isso, já que é o adulto racionalmente capacitado.

Deve-se ter cautela para que não se tenha um conceito errado do termo afetividade. Uma relação dita “afetuosa” não é aquela em que só há “carinho”; o afeto não se limita a isso. Nesse artigo, com base nos vários autores e estudiosos sobre a temática, a abordagem do termo diz respeito ao afeto cognitivo, o que pressupõe que o docente afeta o seu aluno, tanto de forma positiva, como negativa. E que tal afetividade deixa marcas, que podem facilitar ou dificultar a aprendizagem.

A aprendizagem: contribuições da neuroeducação

A estrutura cerebral modifica-se reiteradamente, sendo moldado a partir de uma combinação genética e ambiental. Os fatores emocionais, fisiológicos, sociais e culturais possuem grande influência em nosso cérebro (França & Diniz, 2014).

Ao reconhecer que o cérebro é muito mais plástico do que pensavam os neurocientistas, e que as experiências promoviam a reorganização das redes cerebrais, não apenas foi descoberto o princípio fundante do funcionamento do cérebro, como também foram abertas novas possibilidades de aplicação para a área da Educação. Esse campo de estudos tem sido explorado pela Neuroeducação, “uma nova ciência interdisciplinar que propõe integrar conhecimentos das Neurociências, Ciências Cognitivas, Psicologia e Educação, com o objetivo de traduzir os resultados relevantes dessas áreas para uma aplicação na sala de aula” (Oliveira-Silva, 2018, p. 113).

As emoções, entendidas como estados internos do organismo com a função de desempenhar a regulação no funcionamento psíquico e corporal, possui como característica principal os sentimentos que a acompanha. “Toda emoção leva a uma ação ou à sua renúncia, o que nos permite concluir que nenhum sentimento pode permanecer indiferente ao comportamento, servindo como organizador interno das nossas reações” (França & Diniz, 2014, p. 1). O afeto, uma das manifestações da emoção, acompanha as relações interpessoais e é a base para vários desenvolvimentos individuais. França & Diniz (2014), convergem para a mesma concepção de Mora (2017), quando afirmam que “o aspecto afetivo tem profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo acelerar ou diminuir o ritmo deste e mobilizar os recursos cognitivos existentes, como a atenção e a percepção” (p. 2).

Mora (2017) assegura que é essencial conhecer o mundo das emoções para que se entenda o como ensinar: “cognición-emoción es, pues, um binômio indisoluble que nos lleva a concebir de certo que no hay razón sin emoción. Binomio cardinal para entender la esencia de lo que es enseñar y aprender” (p. 46). O autor enfatiza que os professores são a chave da educação, e que a empatia deve fazer parte da conduta docente. As emoções são, na verdade, a porta para a construção do conhecimento.

O autor enfatiza que aprendemos aquilo que gostamos, que amamos, que nos representam algo. Com o professor não é diferente: ele conseguirá ensinar aquilo que gostar, que amar, que representar algo para ele. Daí advém a relevância que o seu papel representa em uma sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

A investigação científica é um processo que pressupõe a aplicação de métodos científicos, busca informações fidedignas e relevantes. É complexo, lógico e composto por várias etapas vinculadas entre si. Para Campoy (2016), a pesquisa científica procura entender, verificar, corrigir ou aplicar um conhecimento: "su finalidad consiste en solucionar problemas científicos y se caracteriza por ser reflexiva, sistémica y metódica" (p. 29).

A problemática que norteia este estudo visa entender o ponto de vista que os estudantes do 8º ano da Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira de Praia Grande - SP têm a respeito das implicações que a afetividade na relação entre professores e alunos traz para o processo de aprendizagem.

Tendo em vista que a presente pesquisa é caracterizada como uma investigação social, que almejou alcançar os resultados propostos pelos objetivos geral e específicos e, principalmente, responder ao problema central da pesquisa, quanto a abordagem, esse estudo adotou o paradigma qualitativo. Tal enfoque nos deu sustentação porque necessitávamos de um método de investigação que focasse no caráter subjetivo do objeto analisado, já que, ao investigar sobre a relação estabelecida entre afetividade e aprendizagem segundo os discentes, promoveria diversos tipos de opiniões. Diante do exposto, o caráter adotado foi o do tipo descritiva, porque produziu dados descritivos, ou seja, as opiniões dos participantes. Foi realizado o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos, porém, cabe ressaltar, sem a interferência do investigador.

Com o intuito de delimitar o presente estudo elegemos a Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira como contexto para a presente investigação. Ela localiza-se no município de Praia Grande, litoral do estado de São Paulo, Brasil.

A seleção dos participantes compõe parte fundamental para uma investigação já que, através da participação dos mesmos, serão encontradas as respostas para os objetivos almejados. Chegamos à conclusão de que se tornaria importante que os alunos do 8º ano participassem dessa pesquisa. Optamos por priorizar o que os

protagonistas da educação tem a nos dizer: os discentes. Participaram 31 adolescentes, com faixa etária compreendida entre 13 e 15 anos, de ambos os sexos.

Levando em consideração que é através da seleção precisa de técnicas e instrumentos que a investigação será capaz de responder ao problema em questão, essa é uma das partes mais relevantes da investigação. Neste viés, analisamos de forma minuciosa qual seria a técnica mais eficaz que pudesse atender as expectativas dessa pesquisa. Após exaustivo estudo, percebemos que seria o questionário aberto.

El cuestionario abierto es aquel que solicita una respuesta libre y provoca respuestas de mayor profundidad sin delimitar de antemano las alternativas de respuesta que son redactadas por el propio sujeto. Estas respuestas nos permiten conocer actitudes, sentimientos, motivaciones, opiniones y conductas. (Campoy, 2016, p. 325).

Desde o princípio, essa pesquisa seguiu estritamente as regras necessárias para que fosse construído um estudo com o maior nível de confiabilidade possível. Para tanto, seguimos as orientações de Campoy (2016), referente a validação de questionários. Com a revisão teórica sobre o tema realizada, foi efetivada a segunda etapa, a de destinar a especialistas na temática, o questionário. Foram encaminhados a 3 Docentes Doutores (especialistas na temática) da Universidad Autónoma de Asunción – UAA para que fosse analisado. Diante das opiniões estabelecidas pelos especialistas, foram realizadas as alterações necessárias, originando o formato final do questionário a ser aplicado ao público alvo dessa investigação, os alunos.

Apontamos que essa pesquisa foi totalmente desenvolvida no que preconizam os aspectos legais e regras éticas. Para tanto, foram elaborados dois documentos: um para os pais ou responsáveis e outro para os alunos, além, claro, da solicitação de autorização para a pesquisa (este para a Direção da escola). Embasados por estes termos e após todos os devidos esclarecimentos, os participantes e seus pais ou responsáveis se mostraram interessados em participar, assinando e datando tais documentos.

Cabe ressaltar que os participantes desse estudo foram identificados por códigos: A01, A02, A03... garantindo-lhes total anonimato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico apresentará e analisará os resultados dessa investigação. Obedecendo com rigor os padrões científicos e seguindo os preceitos quanto a exposição dos resultados, como nos alerta Marconi & Lakatos (2003), “é importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível” (p. 168), esta investigação optou por uma análise disposta em categorias, com o intuito de unificar os resultados.

Diante de tal escolha, a de categorizar as informações, seguimos uma dinâmica específica para selecionar as categorias: nos apropriamos das respostas dos participantes com o intuito de construir eixos que correspondessem entre si de forma que pudessem responder a cada item categorial. As categorias ficaram assim definidas:

- ✓ 1ª Categoria: Importância e sentidos atribuídos a afetividade
- ✓ 2ª Categoria: Atuação docente que facilita a aprendizagem
- ✓ 3ª Categoria: Fatores motivacionais para a aprendizagem
- ✓ 4ª Categoria: A relação professor-aluno no processo de aprendizagem
- ✓ 5ª Categoria: Atuação docente que dificulta a aprendizagem

1ª Categoria: Importância e sentidos atribuídos a afetividade

Ao final dessa categoria é possível compreender sobre a percepção dos alunos quanto ao que vem a ser um professor afetuoso. Para os investigados, o professor afetuoso é aquele que os afeta positivamente. Vejamos algumas respostas atribuídas:

“Um professor legal, que sabe ser atencioso, que gosta dos alunos” (A05).

“Um professor que se importa com a sala, que sabe levar algumas coisas na brincadeira” (A06).

Dentre as características mais citadas, podemos mencionar: aquele que se preocupa com os alunos em diversos âmbitos; que conduz a aula de forma mais descontraída; que é paciente; que respeita; que se importa; que sabe explicar e sanar as dúvidas de forma calma; que sabe ouvir; que adota o diálogo como prática pedagógica; que demonstra carinho; que conhece os alunos; que os valoriza; que os elogia e os motiva; que consegue ser rigoroso e ao mesmo tempo afetuoso; que cria

laços de amizade; que se relaciona bem com os alunos; que interage; que os ajuda; que gosta de ensinar; que é atencioso; que gosta dos alunos. Foi possível observar que os alunos valorizam e entendem como um professor afetuoso aquele que consegue associar os aspectos cognitivos e os afetivos durante a aula.

2ª Categoria: Atuação docente que facilita a aprendizagem

Ao analisarmos os dados referentes a 1ª e 2ª categorias foi possível estabelecer uma relação direta entre o professor afetuoso e o professor que facilita o processo de aprendizagem: ambos possuem praticamente as mesmas características e ambos realizam intervenções pedagógicas pautadas pela afetividade positiva nas aulas. Observemos:

“Um professor que brinca com a sala em momentos certos, passa lição e explica direito, sem livros toda aula” (A06).

“(...) quando realmente percebemos que ele gosta de ensinar” (A15).

Para os alunos, a atuação docente que facilita a aprendizagem está pautada em: explicações claras e com linguagem acessível; aulas dinâmicas, diferenciadas e atraentes; professores que não gritem e que sejam emocionalmente equilibrados; que atuem de forma descontraída; que sejam atenciosos e amorosos com os seus alunos; que consigam estabelecer uma boa relação/interação com a classe; que gostem de ensinar; que sejam justos; que se importem e demonstrem preocupação e respeito; que ajudem e apoiem os discentes; que deem devolutivas do desempenho durante o processo educativo; que utilizem estratégias/recursos e exemplos diversificados durante a apresentação dos conteúdos; e que tenham afeto pelos alunos. Do ponto de vista dos estudantes, o bom professor, ou seja, aquele que facilita a aprendizagem, é o que consegue aliar os aspectos afetivos com os aspectos pedagógicos.

3ª Categoria: Fatores motivacionais para a aprendizagem

Quanto aos fatores motivacionais, dois itens foram muito mencionados pelos estudantes. Analisemos alguns relatos referentes aos elogios proferidos pelos professores e se estes o motivam a estudar:

“Sim, você se dedica mais na matéria” (A11).

“Claro. Dá mais vontade de estudar porque você percebe que o professor tem orgulho de você” (A27).

O outro quesito reservado para análise nesta categoria, diz respeito aos fatores que fazem com que os alunos queiram estudar mais uma matéria em detrimento de outras. Vejamos:

“O jeito que o professor explica, o jeito que o professor fala, o jeito que o professor distribui afeto aos alunos” (A01).

As opiniões reservadas para esta categoria nos possibilitaram analisar e interpretar o que os alunos consideram como condutas motivadoras para a sua aprendizagem. No quesito elogio, os alunos demonstraram, em esmagadora maioria, tal ação do professor como extremamente positiva para a aprendizagem deles. Elencaram que quando são elogiados, há o fortalecimento de sua autoestima, se sentem reconhecidos, valorizados e estimulados a quererem estudar mais a matéria daquele professor. No âmbito de quais motivos os fazem querer estudar mais uma matéria do que outra, ficou evidente que o professor exerce papel essencial para essa preferência. A organização dos conteúdos, a forma como são apresentados e a relação professor-aluno interferem decisivamente, segundo os estudantes, para a motivação da aprendizagem.

4ª Categoria: A relação professor-aluno no processo de aprendizagem

A relação professor-aluno esteve, de certa forma, entrelaçada em todas as análises realizadas até o momento. Esse contexto tornou bem complexo o estabelecimento dos limites entre uma categoria e outra. Analisemos alguns relatos sobre como deveria ser o relacionamento entre docentes e discentes:

“Com respeito e educação, como uma relação profissional, (...), uma relação onde haja entendimento entre os dois” (A02).

“Na minha opinião alguns professores deveriam demonstrar mais carinho e mais interesse pelos alunos (...)” (A08).

As opiniões fornecidas para essa categoria nos possibilitaram apreender o quão fundamental é o relacionamento professor-aluno para processo de ensino e

aprendizagem. Pelos dizeres dos pesquisados, essa relação deveria ser: mais afetuosa; mais próxima; com respeito mútuo; interativa e dialógica; compreensiva; que os alunos pudessem ser mais ouvidos; de confiança; uma relação que deixasse boas lembranças para o resto da vida.

É possível inferir que os alunos dessa fase, a adolescência, realmente tem o senso de afetividade muito mais apurado. Eles entendem a hierarquia, têm a consciência de seus deveres, reconhecem que também fazem parte da dinâmica e do clima instaurados no ambiente escolar, porém, sentem falta de um relacionamento de proximidade, de envolvimento.

5ª Categoria: Atuação docente que dificulta a aprendizagem

Nessa categoria foram reunidas as opiniões acerca dos fatores que interferem negativamente o processo de aprendizagem, prejudicando esse processo. Ao analisarmos e interpretarmos os relatos dos participantes, foi possível apreender que as dimensões emocional e cognitiva exercem, paralelamente, grande influência na aquisição e construção de conhecimentos.

Os alunos caracterizaram o professor que dificulta a aprendizagem. Vejamos:

“Se a professora ou professor não demonstrar se importar com a sala, só passar livros para copiar, não explicar nada e não demonstrar nenhum tipo de afeto” (A06).

Complementando ao dados coletados anteriormente, os alunos também opinaram acerca do que mais os desmotivam a quererem estudar uma matéria. Analisemos:

“Bom, quando a matéria está muito chata ou o professor não explica, isso deixa de quere-la estudar, ou quando você só tira notas ruins, dá um desânimo” (A02).

Segundo os adolescentes, o professor que dificulta a aprendizagem possui as seguintes características: não tem clareza nas explicações, é descomprometido, não esclarece as dúvidas, não ouve os alunos, é impaciente, não demonstra importar-se,

apresenta aulas monótonas; só grita, é mal-humorado, é rancoroso, não dialoga com os discentes, só apresenta reclamações, não tem um bom convívio com a turma, é estressado e não os afeta positivamente.

Foi possível notabilizar que os educadores que privilegiam os aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos e que não possuem as competências profissionais esperadas, segundo os adolescentes, são os que desfavorecem o processo de aprendizagem.

CONCLUSÕES

Diante do estudo sobre as principais teorias que embasaram essa pesquisa e após o levantamento, a análise e a interpretação dos dados coletados, nessa etapa do artigo apontaremos as conclusões obtidas.

Referente ao *objetivo específico 01 que consistiu em identificar o papel da afetividade nas relações educacionais*, foi possível constatar através dos relatos que a dimensão afetiva permeia todo o processo educativo e todas as relações presentes na sala de aula: a professor-aluno, a aluno-aluno e a aluno-objeto do conhecimento.

A afetividade desempenha um papel salutar para a eficácia do produto final do conhecimento, a aprendizagem. Mas não apenas para isso, a afetividade é imprescindível também para o processo de desenvolvimento integral do aluno.

Infelizmente é muito comum em sala de aula a não articulação entre o afetivo e o cognitivo. Neste viés, os pesquisados foram enfáticos ao considerarem a afetividade como sendo de muita importância para a aprendizagem. Colocaram as práticas afetivas positivas como sendo molas propulsoras para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Na adolescência, as exigências afetivas são mais refinadas e isso ficou bem evidente. Para os alunos, todas as decisões pedagógicas que o docente assume, desde o seu planejamento, a forma como realiza intervenções, a maneira com que organiza e explica os conteúdos, os recursos e estratégias que escolhe, ou seja, a forma que o professor conduz a aula e o seu comportamento, os afetam.

Os dados analisados e interpretados evidenciaram que condições afetivas positivas contribuem para que a atividade cognitiva flua de forma eficiente. E o contrário também foi revelado: que condições afetivas negativas criam barreiras e desorganizam os processos cognitivos.

No que tange ao *objetivo específico 02*, que visou *analisar a interação a partir da perspectiva aluno/professor*, os participantes deixaram evidente que a qualidade da relação professor-aluno e a forma em que as dinâmicas interativas ocorrem interferem no ato do aprender.

Os alunos detalharam que as interações estabelecidas na sala de aula possuem enorme relevância, já que, é a partir delas que se constroem o conhecimento e há a apropriação do saber escolar. Os dados demonstraram que a relação estabelecida entre professor e alunos é determinante para o aprendizado. O desenvolvimento cognitivo ocorre através de um processo de interação compartilhada e é o professor o profissional racionalmente capacitado para estabelecer um clima favorável de interações.

Os alunos manifestaram que quando o professor mantém uma boa relação com a turma, se sentem mais motivados e impulsionados a aprenderem. Os pesquisados afirmaram que almejam professores que cumpram o seu ofício de forma qualitativa, comprometida e que os enxerguem como sujeitos que merecem respeito, atenção e participação. Querem ter a oportunidade de expor as suas ideias e serem ouvidos, querem ser compreendidos, desejam que seus professores demonstrem mais interesse e preocupação, que a relação seja mais próxima e interativa.

Quanto ao *objetivo específico 03*, que foi o de *analisar se a afetividade influencia a aprendizagem, segundo os discentes*, os respondentes foram categóricos em afirmar que sim: a afetividade traz implicações para esse processo.

Os alunos confirmam as ideias do neurocientista Francisco Mora quando relataram que o aspecto afetivo tem profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Dependendo da forma em que são afetados e das emoções e sentimentos que são gerados, a aprendizagem pode acelerar ou diminuir. O cérebro realmente

necessita se emocionar para aprender.

Os dados apontaram que os alunos consideram a escola, a sala de aula, como o espaço para a produção do conhecimento, demonstrando quererem aprender. No entanto, deixaram evidente que gostariam de professores que despertassem mais interesse, que planejassem aulas mais dinâmicas, com diferentes recursos e metodologias, que tivessem mais tolerância nos momentos de dificuldade de apropriação do conteúdo, ou seja, que sanassem as dúvidas com mais paciência, que agissem com mais empatia.

Os elementos analisados permitem concluir que na adolescência há a preponderância da dimensão afetiva e que o professor que não considerá-la a serviço do conhecimento, afasta e dificulta a mobilização interna do discente para aprender. Reforçamos as nossas conclusões de que a afetividade positiva é facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, sendo uma ferramenta de grande valia para o êxito escolar. No entanto, ao contrário, um ambiente adverso, estressante e desmotivador, ou seja, afetivamente negativo, pode impedir o desenvolvimento pleno da aprendizagem.

Esperamos ter contribuído, com essa investigação, para a ampliação da reflexão sobre a importância dos aspectos afetivos para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando aos interessados, mas principalmente, aos educadores, repensarem a qualidade das mediações realizadas no espaço da sala de aula onde os aspectos emocionais e intelectuais estão em constante interdependência.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. R. S. (1999). *A emoção na sala de aula*. Campinas, BR: Papyrus.
- Almeida, L. R. de. & Mahoney, A. A. (2007). *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. (4ª ed.) São Paulo, BR: Edições Loyola.
- Campoy, T. J. (2016). *Metodología De La Investigación Científica: Manual Para Elaboración de Tesis y Trabajos de Investigación*. Asunción, PY: Librería Cervantes.
- Dantas, H. (2016). A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In Taille, Y. de L., Kohl, M & Dantas, H. (Orgs). Piaget, Vygotsky, Wallon: *teorias psicogenéticas em discussão*. (pp. 85-98). São Paulo, BR: Summus Editorial.
- França, E. B. M. M. & Diniz, C. (2014). A Influência do Afeto no Processo de Aprendizagem. In Velasques, B. B. & Ribeiro, P. (Orgs.) *Neurociências e Aprendizagem: Processos Básicos e Transtornos*. (pp. 1-10). Rio de Janeiro, BR: Rubio.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (29ª ed.). São Paulo, BR: Paz e Terra.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª ed.). São Paulo, BR: Atlas.
- Mora, F. (2017). *Neuroeducación: solo se puede aprender aquello que se ama*. (2ª ed.). Madrid, ES: Alianza Editorial.
- Oliveira-Silva, P. (2018). Olhar a Educação a partir das Neurociências. In J. Machado, J. M. Alves (Orgs.) *Conhecimento e Ação: transformar contextos e processos educativos* (pp. 112-118). Porto, PT: Universidade Católica Editora.

Silva, C. de S. & Albuquerque, I. N. (2015). *A afetividade na aprendizagem: o olhar de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental*. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, 3, (2), 3-18.